



**UNILAB**

Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira

**INSTITUTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**EZEQUIEL NUNES DE LIMA**

**JORNALISTAS PRETAS E PRETOS: (RE)CONSTRUIR LUGARES SEGUROS  
PARA O FORTALECIMENTO DE REDES DE APOIO, REDES DE  
RESISTÊNCIAS E REDES DE AFROAFETOS**

**ACARAPE  
2020**

**EZEQUIEL NUNES DE LIMA**

**JORNALISTAS PRETAS E PRETOS: (RE)CONSTRUIR LUGARES SEGUROS  
PARA O FORTALECIMENTO DE REDES DE APOIO, REDES DE  
RESISTÊNCIAS E REDES DE AFROAFETOS**

Trabalho de Conclusão Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Ceará.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacqueline da Silva Costa

**ACARAPE  
2020**

**EZEQUIEL NUNES DE LIMA**

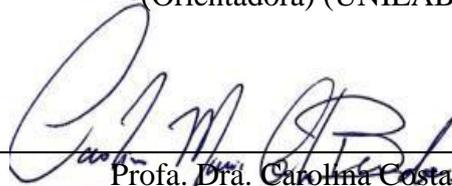
**JORNALISTAS PRETAS E PRETOS: (RE)CONSTRUIR LUGARES SEGUROS PARA O FORTALECIMENTO DE REDES DE APOIO, REDES DE RESISTÊNCIAS E REDES DE AFROAFETOS**

**BANCA EXAMINADORA**



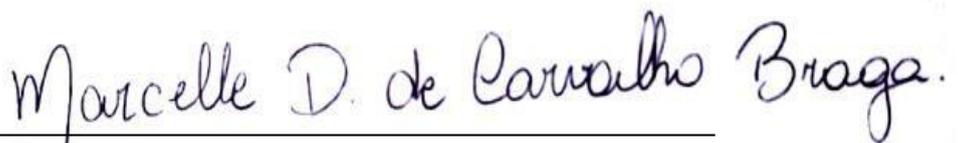
---

Prof. Dra. Jacqueline da Silva Costa  
(Orientadora) (UNILAB/Ceará)



---

Prof. Dra. Carolina Costa Bernardo  
Examinadora Interna (UNILAB/Ceará)



---

Prof. Ma. Marcelle Danielle de Carvalho Braga  
Examinadora Externa (UFC/Ceará)



---

Prof. Ma. Marta Quintiliano  
Examinadora Externa (UFG/Goiás)

Permita que eu fale, e não as minhas  
cicatrices

Elas são coadjuvantes, não, melhor,  
figurantes

Que nem devia tá aqui

Permita que eu fale, e não as minhas  
cicatrices

Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que  
resta de nós?

Alvos passeando por aí

Permita que eu fale, não as minhas  
cicatrices

Se isso é sobre vivência, me resumir à  
sobrevivência

É roubar um pouco de bom que vivi

Por fim, permita que eu fale, não as  
minhas cicatrizes

Achar que essas mazelas me definem é  
o pior dos crimes

É dar o troféu pro nosso algoz e fazer  
nóiz sumir

**AmarElo – Emicida (part. Majur e  
Pablo Vittar)**

## AGRADECIMENTOS

Realizar essa pesquisa e chegar à conclusão de um ciclo só é possível graças a muitas pessoas, políticas públicas, instituições e toda colaboração em apoio sentimental, material e espiritual que recebi ao longo dos anos. Para conseguir agradecer ao máximo, optei em registrar nomes que fazem lembrar comunidades. Sintam-se acolhidas (os).

Agradeço primeiro ao tempo, a deus, às orixás Oxum e Iemanjá, ao Seu Zé Pelintra e aos meus guias que estão comigo por onde eu esteja, mesmo quando desobedeço.

Sou grato às pessoas - em sua maioria de classe baixa que sofrem exclusão do acesso ao ensino superior - que financiaram para que eu pudesse ter acesso à universidade pública federal de forma gratuita. Destaco minhas famílias, através das minhas mães Maria Eliene Nunes de Lima, de quem recebi moradia na gestação e carinho à sua maneira; e Francisca Celia Ferreira e Silva, que me salvou a vida, me ensinou a ter coragem e que sempre encontra maneiras de sorrir diante de tantos desafios. Minhas bases de ensino;

Às (os) minhas (meus) ancestrais, aos movimentos negros e gerações anteriores, que abriram os caminhos do sonho e da realização muitos anos atrás, dia após dia;

À Associação Crianças de Luz, Recicriança, Tia Eva, Mayumi, Flaviane e comunidade Vila dos Estevão; À Escola Antonieta Cals, Tia Conceição, José Martins, Narcelio, Assis, Aldeniza, Eunice, Sandra; Maria Lúcia e Cláudia (todas as “Tias da Merenda”), Gabriel e Wesley (todos os porteiros), e Kleydir (todos os seguranças) por onde passei; À EP de Aracati, Prof<sup>as</sup>. Marília, Fernanda, Jesus, Josélia, Maria Lucas, Lisandro, Marcela, Régia, Felipe, Dulce, Valnize, Márcia, Jerusileide, Melisa, Patrícia, e todas (os) professoras (es) pelo amparo dentro e fora de sala, esse trabalho aconteceu com as mãos de vocês;

Às (os) colegas de projetos (do Majorlândia Faz Cinema aos da extensão universitária); Às (os) colegas de salas de aula; Às (os) passageiras (os) do tempo. Obrigado por me despertarem boas lembranças e grandes emoções na minha trajetória. Sintam-se representadas (os) por Laila, Leonel, Sabrina, Riquelme, Alynna, Adriane, Márcia, Vitória, Paulo R, Clara Paula, Winny, Bia, Matheus, Lucas Maia, Carol, Ruth, Facla, Emile, Heloisa, Jayrllen, Thayná, Alexandre, Ishmael, Juliano, Denys, Lucas, Vinícius, Nathan, Grazi, Fabrício, Victória, Íriis, Nayara, Renata, Luana, Mari e Mariana, Manu, Gabi, Rebeca, Clara Barreto, Clara Joventino, Bruna, Têmily, Josi, Sheila, Lud, Dianne, Myrlene, Midian, Kátia e Katianne, Vitorinha, Rafael, Thaylane e William; Também ao Raí, que me vendia fiado; Titou et la familie; Eterners e outras companhias virtuais que amenizaram o isolamento social nesses tempos conturbados.

À Isadora Lima (Dora), Denis Pereira (Denas), Isabela Lima (Bela), Geovana Roberta (Geo), Geyse (Trombadinha), Tia Ana, Tia Graça, Gustavo Giló, Jani Caraço e

Gilmário Rebouças, pelo carinho que transborda em conversas e risos, por serem inspirações afetuosas na minha vida;

À Unilab, às (os) colegas que fiz do RU ao Intercampi: guineenses, moçambicanos, angolanas, cabo verdianas, são-tomenses, timorenses, brasileiros, indígenas, quilombolas, nós fazemos uma Unilab verdadeiramente plural. Pessoas que fizeram essa caminhada especial, como Eliaquim, Guilherme, Paulo Silva, Paulo Ferreira, Wiil (Jovem Èsù), Geysel, Rita, Clara, Samuel, Pedro (JP), Mikael, Sabino, Borboleta, Bruna, Talia, Luan, Galvino, Larissa, Peti, Cisco, Gil, Ellen, Letícia, Prof<sup>a</sup>. Joanice, João, Fonseca, Samora, Michel, Sol, Dani, Beth, Vitória Pitaguary, Grazi Tremembé e Levi; Também Eliz, Maria Macêdo e Eliana;

Aos meus companheiros felinos de escrita, João, Caramelo (e Pretinha);

À grande república formada com Raila, Iarles, José, Camila, Kayles, Lukennya, Maria Nicolly, Manu, Toinho, Carlinha, Tainara, Tati, Otávio, Lucas, Daniely, Geison, Ana Eugênia, D. Rosa, Prof.<sup>a</sup> Natália, Cássia e Clara; pelos momentos memoráveis;

Às equipes espetaculares que compartilharam comigo o Projeto Teia, com as Prof<sup>as</sup>. Andréa e Susana; o Grupo de Pesquisa Oritá, com a Prof.<sup>a</sup> Jacqueline Pólvora; o podcast k-talises, pela Prof.<sup>a</sup> Gisele; e a Reapodere, com Prof. James Jr. Cada grupo com momentos valiosos para minha formação;

À Ana Cássia e Bruno Vinícius, pela sensível partilha de suas vivências;

À banca examinadora, Prof<sup>as</sup>. Carolina Bernardo, Marcelle Braga e Marta Quintiliano, por aceitarem estar em um momento tão importante para minha trajetória e serem sensíveis com o que escrevo. É uma honra para meu percurso acadêmico;

À minha orientadora e a quem tenho também privilégio de nomear como amiga, Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Jacqueline da Silva Costa. Obrigado por partilhar comigo sua intelectualidade através de confiança, estímulo, sensibilidade e acolhimento da minha escrita. Sou imensamente grato por todo apoio e amizade.

Ao Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, BHU, pela potência, vivência e transformação. Que mais pretas bixas, pobres e nordestinas, possam encontrar referências para inspirar e impulsionar nossas trajetórias de vida ao longo do tempo.

## **RESUMO**

Imaginar a possibilidade de uma carreira na Comunicação também passa, entre outros fatores, por uma identificação com profissionais que se tornem referência. Encontrar outras (os) jornalistas com uma similaridade de traços e percursos é enxergar que é possível estar no reflexo da câmera, ouvindo e contando histórias através das mídias. Compreender as trajetórias de jornalistas pretas e pretos ingressantes por cotas raciais nas universidades públicas e privadas, é o objetivo central dessa pesquisa. Enegrecendo e observando a (re)construção de lugares seguros para a profissionalização, para o fortalecimento de redes de apoio, redes de resistências e redes de afroafetos, incluindo as que fiz parte no período universitário.

**Palavras-chave:** Trajetórias negras. Redes. Apoio. Resistências. Afroafetos.

## **ABSTRACT**

Imagining the possibility of a career in Communication also passes, entre outros fatores, among other factors, by an identification with professionals who become a reference. Finding other journalists with a similarity of traits and paths is to see that it is possible to be in the camera's reflection, listening and telling stories through the media. Understand the trajectories of black journalists entering by racial quotas in public and private universities, is the central objective of this research. Blackening and observing the (re)construction of safe places for professionalization for the strengthening of support networks, resistance networks and Afroaffects networks, including those I was part of in the university period.

**Key words:** Black trajectories. Networks. Support. Resistances. Afroaffects.

## **RESUMEN**

Imaginar la posibilidad de una carrera en Comunicación también pasa, entre otros factores, para una identificación con los profesionales que se convierten en un referente. Encontrar a otros (los) periodistas con similitud de líneas y caminos es ver que es posible estar en el reflejo de la cámara, escuchar y contar historias a través de los medios. Comprender las trayectorias de periodistas negras y negros que ingresan por cuotas raciales en universidades públicas y privadas, es el principal objetivo de esta investigación. Ennegrecimiento y observación de la (re) construcción de lugares seguros para la profesionalización, para el fortalecimiento de redes de apoyo, redes de resistencias y redes de afroafectos, incluidos los que participé en el período universitario.

**Palabras clave:** Trayectorias negras. Redes. Apoyo. Resistencias. Afroafectos.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dados das desigualdades raciais no mercado de trabalho, na distribuição de renda e condições de moradia, educação, violência e representação política. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais (recorte nosso). .....	18
Figura 2: Chegada em Redenção. Fonte: arquivos pessoais. 2018.	24
Figura 3: Rede de afetos - grande república. Fonte: arquivos pessoais. 2018.	24
Figura 4: Encontro de estudos na casa de Ana Eugênia. Fonte: arquivos pessoais. 2019. .....	25
Figura 5: Assembleia estudantil no Palmares II. Fonte: arquivos pessoais. 2019.	26
Figura 6: Aula da Prof. <sup>a</sup> Jacqueline Costa no Palmares II. Fonte: arquivos pessoais. 2019. .....	27
Figura 7: Projeto Teia – primeiro encontro. Fonte: arquivos pessoais. 2019	27
Figura 8: Semana do BHU. Fonte: arquivos pessoais. 2019.	28
Figura 9: Oficina do Projeto Comunicadores de Rua. Fonte: arquivos pessoais. 2019.	29
Figura 10: Equipe Intersol no I FestModa Maciço. Fonte: arquivos pessoais. 2019.	29
Figura 11: Reapodere em reunião virtual devido ao Covid-19. Fonte: arquivo pessoal. 2020.	30
Figura 12: Participando do Festival das Culturas. Fonte: arquivos pessoais. 2019.	31

## **LISTA DE SIGLAS**

**CPLP** - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

**ENECOS** - Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social

**ENEM** - Exame Nacional do Ensino Médio

**FANOR** - Faculdades Nordeste Devry

**FNJ** - Fundação Nacional de Jornalismo

**IFCE** - Instituto Federal do Ceará

**PNAD Contínua** - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

**PROUNI** - Programa Universidade para Todos

**REAPODERE** - Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências

**SISU** - Sistema de Seleção Unificada

**UERN** - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

**UFSC** - Universidade Federal de Santa Catarina

**UFC** - Universidade Federal do Ceará

**UNILAB** - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

## SUMÁRIO

Anunciação	11
A produção de conhecimento preta: a margem ocupando o centro	11
INTRODUÇÃO	13
1. ONDE ESTOU NAS MÍDIAS: CONSTRUÇÃO DOS MEUS DESEJOS	15
1.1. Desigualdades raciais no Brasil	17
2. MOVIMENTAÇÕES NEGRAS	20
2.1. Frente Negra Brasileira (FNB)	22
2.2. Teatro Experimental do Negro (TEN)	22
2.3. Imprensa Negra	22
2.4. Nossa UNILAB de cada dia	23
3. CAMINHOS DA PESQUISA	31
3.1. Objetivo Geral	32
3.2. Objetivos Específicos	32
3.3. Tipo de método	33
3.4. Técnica a ser utilizada	33
3.5. Conceitos usados na pesquisa	34
3.6. Descrição de participantes:	36
4. ANÁLISES DE ENTREVISTAS	38
4.1. Infância, memórias e projeções profissionais dentro da comunicação	39
4.2. “Ô Mulata”: Outrificação e Imagens de controle como dominação de nossos corpos	41
4.3. Juventude/Universidade/Racionalidade	42
4.4. Processos Seletivos, no emprego e a Ida para o mercado de trabalho	43
4.5. Falar sobre racismo no ambiente de trabalho	45
5. CONSIDERAÇÕES	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	51
ANEXO 1 - QUESTÕES PRÉVIAS PARA ENTREVISTA	51
ANEXO 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA	52

## **Anúnciação**

### **A produção de conhecimento preta: a margem ocupando o centro**

O universo acadêmico é responsável pela elaboração de pesquisas importantes para as dinâmicas sociais, contribui consideravelmente na preparação qualificada de futuros profissionais e ganhou, ao longo da construção civilizatória, o caráter de um espaço inalcançável, mas incansavelmente almejado pelas parcelas da sociedade mais atingidas por desigualdades e discriminações - principalmente a população negra. Estudar é artefato de luxo e sinônimo de sucesso para quem tem o futuro preconizado ao limbo.

Foi graças às lutas combativas de negros e negras, com um histórico de levantes e movimentos pré e pós-abolição demandando acesso à educação, que hoje a juventude preta pode sentar-se nas cadeiras das salas de aulas de universidades renomadas no Brasil, matriculando-se em cursos elitizados como o de graduação em Jornalismo e sendo cotista - um título resultante do processo de reivindicações que ressoa por meio das políticas públicas a exemplo das cotas raciais. O clímax desse percurso de quem se forma é a possibilidade de exercer o que escolheu estudar e assim construir sua carreira na área - nesse caso, profissionais da comunicação que buscam seu espaço em meio ao poder da fala.

Em entrevista realizada no programa *Ver TV*, da emissora TV Brasil, sobre a representação do negro na televisão, Luciana Barreto (jornalista e apresentadora) descreve sobre o momento em que surgiu a oportunidade para fazer vídeo e seu primeiro ato foi recusar porque não se via na televisão. A falta de referência ressoava na sensação de não estar adequada ao cargo e essa situação é uma das várias consequências que se desenvolvem a partir das maneiras em que negros são retratados em produtos da mídia televisiva. Sobre essa escassez de referências e aparições deformadas de corpos pretos nas telas, Luciana pontua consequências, diz que com isso estão

“ferindo a identidade da população brasileira; a gente tá ferindo a identidade da criança; a gente tá ferindo a identidade dos jovens; a gente tá ferindo especialmente a identidade da mulher negra [...] A gente tá muito longe de ter uma democracia racial na televisão brasileira” (BARRETO, 2014, *Ver TV*).

Joel Zito Araújo, cineasta e pesquisador, também presente no programa da TV Brasil destaca que “o problema não é só da baixa autoestima do jovem negro, da

criança negra, da criança indígena do Brasil, o problema é que indiretamente você insufla uma hiper autoestima na mente do jovem branco como se ele fosse superior” (ARAÚJO, 2014, Ver TV).

Ele ainda pontou que acredita em mudanças decorrentes da presença de uma geração de jovens negros na Universidade considerando que traria impacto também para a televisão. É nesse último ponto que aqui se mantém a atenção, por isso a pesquisa aborda experiências vividas do ingresso à universidade ao atual momento da vida de jornalistas negros.

Analisando os desafios, sensações e realizações da vida pessoal e profissional dos entrevistados, buscamos compreender as situações presentes em uma área com fortes reverberações na sociedade através da ótica de pessoas negras que, apesar de corresponderem à 56,10% da população brasileira, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad) Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); ainda são pouco vistas no reflexo das câmeras, nas redações, em equipes de assessoria e gestão comunicacional de grandes empresas.

Em 2012, o relatório “Perfil do jornalista brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho (2012)”, conduzida pela UFSC e pela Fenaj, apontava que somente 23% de jornalistas eram negros. Um dado que pode ser visualizado com facilidade no dia a dia, assistindo aos telejornais, lendo as manchetes que abordam de maneiras diferentes brancos e pretos em casos de condenação judicial e com a distorção de manifestações negras que atinge a construção de uma identificação positiva com a negritude, por exemplo.

A necessidade de se ter histórias contadas por quem as vive reflete a importância de se ter uma comunicação mais diversificada e empretecida, que possa (re)construir as imagens. Pensando com a autora Grada Kilomba (2019), apenas imagens positivas, e eu quero dizer imagens “positivas” e não “idealizadas”, da *negritude* criadas pelo próprio povo *negro*, na literatura e na cultura visual, podem dismantelar essa alienação (Kilomba, 2019, p. 154).

## INTRODUÇÃO

**“É preciso, portanto, situar o meu lugar de fala”  
(Z)**

A presente pesquisa intitulada “Jornalistas pretas e pretos: (re)construir lugares seguros para o fortalecimento de Redes de Apoio, Redes de Resistência e Redes de Afroafetos”. Tem como objetivo descrever as trajetórias de jornalistas pretas e pretos ingressantes por cotas raciais nas universidades públicas e privadas. Enegrecendo e observando a (re)construção de lugares seguros para a profissionalização, para o fortalecimento de redes de apoio, redes de resistências e redes de afroafetos.

Tem também como ponto de partida as tentativas de desenvolvimento de autoconfiança ao longo desses meus vinte anos de idade, passando diretamente pelo meu sonho em se ver refletido na câmera, de contar as histórias das vidas sem ser um corpo no jornalismo policialesco ou ridicularizado com minhas subjetividades. É preciso, portanto, situar o meu lugar de fala diante de um trabalho que se desenvolve a partir de memórias e vivências feitas com a intersecção de marcadores sociais designados à minha presença no mundo: sou um jovem negro, pobre e gay nascido no interior do Ceará, na região nordeste do Brasil.

Ainda criança, meus olhos corriam em cada espaço da caixa colorida chamada televisão. O gosto pelos programas que apareciam ali não se limitava aos desenhos animados da TV Globinho, porque sempre me pegava assistindo jornais da TV Brasil e ao catálogo completo da TV Futura. Algumas coisas até hoje sequer lembro do que falavam, porque o que me mantinha atento era a postura de jornalistas, repórteres, apresentadores de programas ao vivo. Eu queria ser eles um dia. Quando ia nas casas que minha mãe limpava, pegava as revistas acreditando que um dia meu nome assinaria um daqueles editoriais. E desde que a educação foi colocada como meu passaporte, venho buscando os carimbos de uma viagem ao futuro através de redes de afeto.

O impulso a alcançar objetivos vêm do incentivo de várias pessoas na encruzilhada de vidas que me atravessam e colaboram com oportunidades, conselhos e confiança naquilo que chamam de potencial. A televisão deslumbrava, mas somente ela, com seu histórico de programas pouco representativos para crianças negras e homossexuais como eu, não seria capaz de manter os sonhos em pé - essa energia vêm de passos firmes do passado, se entrelaça com quem conheço de perto e tem reflexo nas (os) profissionais que me inspiram.

Quando comecei a trajetória escolar, todo o encantamento foi se transformando em projeto de vida. Projetos sociais e várias professoras foram responsáveis pelo constante incentivo aos estudos que iriam contribuir com bons resultados no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, posteriormente, no Sistema de Seleção Unificada (SISU), ambos programas federais que gerenciam a disputa por vagas nas universidades públicas brasileiras. Em 2018, ainda no primeiro semestre do ano, ingressei pela primeira vez em um curso superior e utilizei a modalidade de cota destinada às pessoas autodeclaradas pretas, pardas e indígenas, com renda *per capita* de até um salário e meio (1,5). Na ocasião, me matriculei no curso de Radialismo, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mas pedi desligamento após seis meses de aulas suspensas devido à uma greve necessária que estava em curso - no estado, professores sofriam com o atraso de pagamentos; e em seguida, após a segunda seleção do SISU no meio do ano, passei a morar em Redenção-CE, enquanto estudava no Instituto Federal do Ceará - Campus Baturité, em um curso de Turismo. Nesse último, permaneci até o segundo semestre de 2018 até ser selecionado para o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

Durante os últimos anos minha atividade diária foi “VIVER” a UNILAB, conhecendo espaços de debate em que as características dos corpos presentes eram iguais as minhas, em que as trajetórias de vida traziam narrativas semelhantes à minha, e onde toda a interação social que ocorria era distinta de qualquer espaço onde já estive antes.

Nesse sentido, reconhecer a importância da universidade em nossas vidas por meio de um encontro com a grande diversidade de pessoas, do acesso às políticas de permanência e com trocas intelectuais, profissionais e afroafetuosas, é reconhecer que o ambiente acadêmico (apesar de diversos trâmites fundados pela branquitude) consegue ser o ambiente de desenvolvimento de redes importantes para a continuidade de nossas trajetórias.

A nossa universidade, a Unilab, é fruto da intensa luta do Movimento Negro em diálogo com um contexto de democracia mantido pelo Governo Federal à época, com Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República brasileira à época. Suas instalações se encontram em duas cidades interioranas aqui no Ceará (Redenção e Acarape) e na Bahia (São Francisco do Conde), recebendo anualmente, desde o começo de suas atividades acadêmicas em 2012, estudantes oriundos dessas regiões, de outras partes do Brasil e dos demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP),

especificamente Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

A interiorização e internacionalização do ensino superior, junto à integração de seus membros participantes dessa instituição pública, moldam a simbiose de conhecimentos e experiências trocadas nos campi da Liberdade, das Auroras, dos Malês e na Unidade Acadêmica dos Palmares. Realizando de maneira singular a cooperação Sul-Sul e correspondendo a um de seus objetivos presentes no Estatuto (2010, p. 4):

Art. 2º. A Unilab, universidade pública federal brasileira, é vocacionada para a cooperação internacional e compromissada com a interculturalidade, a cidadania e a democracia nas sociedades, fundamentando suas ações no intercâmbio acadêmico e solidário com países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos.

Pensar as hipóteses deste trabalho foi um desafio... Daí pensei sobre as escolhas de ter que se “adequar” ao “perfil”; lidar com a autossabotagem gerada pelo racismo; encontrar delimitação no espaço para expor opinião sobre temáticas diversas e não estritamente somente sobre racismo; automaticamente ser cotada (o) a falar no Dia da Consciência Negra (blackpidia); não ter um grupo étnico-racial entre as diretrizes do RH da empresa; ser taxada (o) de “problematizador (a)”. A lista de hipóteses referentes à posição que profissionais negros são colocados diante do reflexo das câmeras são sempre semelhantes, vão ao encontro dos estereótipos e das dores causadas pelo racismo.

## **1. ONDE ESTOU NAS MÍDIAS: CONSTRUÇÃO DOS MEUS DESEJOS**

A televisão e o rádio foram, por muito tempo, responsáveis pela construção dos meus desejos. Depois veio o acesso às revistas, jornais impressos e à internet, que confirmavam o sonho de ser um comunicador e abriram espaço para pensar em possibilidades diante das diversas mídias. Comecei a alimentar a roteirização e apresentação de programas, assinatura de editoriais e gerenciamento de carreiras, como projetos de vida, e o primeiro passo foi buscar referências em outras pessoas que estivessem na área, que carregassem traços de uma realidade semelhante à minha para que eu continuasse acreditando ser possível estar naqueles lugares.

Alguns poucos nomes surgiram na memória quando procurei por referências. Ainda que nomes importantes como Glória Maria, Maju Coutinho, Hugo Gloss e Spartakus Santiago, me faltavam mais nomes, despertando assim a inicialização deste trabalho: para conhecer as histórias de outras pessoas pretas na comunicação. Uma

pesquisa que carrega consigo não somente uma busca à representatividade, mas primordialmente foca em travessias capazes de gerar sensações de esperança para quem procura se ver em outras individualidades.

Logo, além do meu objetivo pessoal de cursar Comunicação, também há no meio do caminho o atravessamento de uma universidade com raízes pretas, a Unilab, que adiciona novos motivos à pesquisa: 1. A importância de falar sobre uma realidade sociopolítica do país que obstrui o percurso de negros ao menor sinal da formação e exposição de opinião; 2. A necessidade de ocupar lugares para desenvolver um crescimento coletivo que permita a naturalização da presença negra nos espaços sabotados do poder da fala; e 3. A descoberta do meu pertencimento racial em meio à invisibilidade do negro no Ceará.

Esse último ponto é inteiramente motivado pela Unilab, que é uma instituição federal fruto da política pública e o lugar mais cheio de pessoas negras que eu já tinha estado até então. Anteriormente, tendo passado por outras universidades, eu era uma das quatro pessoas negras nos cursos e, até o momento de iniciar o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, não tinha colocado em questionamento os porquês dessa realidade; tudo era natural e eu me via como “moreno”, uma maneira de neutralizar qualquer traço negro. Existia ali a falta de indagações resultantes do apagamento da parte negra da história contada - esse lado de quem resiste e reage apesar das mazelas deixadas por quem contou.

E a Unilab foi capaz de trazer algumas respostas com o seu projeto Sul-Sul, através do BHU e suas disciplinas com bibliografias negras (em especial, “Identidade e Poder”, à época ministrada pela Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Carol Bernardo; e “Educação e Literatura Negra: potencialidades pedagógicas em narrativas, mitos, fábulas e contos africanos e afro-brasileiros”, com a Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Jacqueline Costa; que me trouxe um despertar racial); além do movimento estudantil, dos coletivos negros (como o Enegrecer), grupos que fiz parte ativamente (como a Reapodere); e através de intelectuais engajadas (os) no agenciamento de ações que melhorem as condições sociopolíticas dos países integrados à instituição.

Logo, atrelado ao meu projeto pessoal de vida está uma procura por inspiração em trajetórias de profissionais com marcadores semelhantes aos meus e minha condição social quanto negro. Uma construção de redes de afeto em meio ao caos da sobrevivência marcada pela raça. Uma compreensão de quem eu sou e o que isso significa

para o mundo, já que em todas as matérias, telas e falas estive nas palavras de Fanon (1952):

“Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas, e então detonaram meu tímpano com a antropologia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros...” (FANON, 2008 [1952], pp.105-106).

### **1.1. Desigualdades raciais no Brasil**

Os dados a seguir trazem uma realidade de desigualdades que pendem, seja no ano 2019 ou 1982, para uma mesma raça, a negra, compreendida como o montante quantitativo entre pretos e pardos nos dados das pesquisas. Essa categoria social é aqui entendida como tal, ou seja,

um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. (Guimarães, 1999, p. 9)

As pesquisas realizadas por instituições importantes como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) evidenciam continuamente as disparidades entre a população branca e a população negra do país. Amostras presentes em um informativo publicado no ano de 2019 intitulado *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil* e que está presente na biblioteca virtual da instituição, apresentam as desigualdades sociais acentuadas que estiveram marcadas em respostas obtidas através da Pnad Contínua 2018. A constatação é que pretos e pardos continuam a viver em meio a vulnerabilidade econômica e social, ocupando péssimos percentuais dentro dos indicadores sociais de educação e trabalho, como mostra a tabela (Figura 1) presente na publicação (IBGE, 2019):

**Figura 01:** Dados das desigualdades raciais no mercado de trabalho, na distribuição de renda e condições de moradia, educação, violência e representação política



Figura 1: Dados das desigualdades raciais no mercado de trabalho, na distribuição de renda e condições de moradia, educação, violência e representação política. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais (recorte nosso).

As porcentagens apontam que homens e mulheres negras se encontram em lugar desigual comparado ao posicionamento de pessoas brancas mesmo em situação de trabalho informal, como presente no folheto:

Em 2018, enquanto 34,6% das pessoas ocupadas de cor ou raça branca estavam em ocupações informais, entre as de cor ou raça preta ou parda esse percentual atingiu 47,3%. A maior informalidade entre as pessoas de cor ou raça preta ou parda é o padrão da série, mesmo em 2016, quando a proporção de ocupação informal atingiu seu mínimo. Nesse ano, havia 39,0% de pessoas ocupadas informalmente, sendo que, entre as pretas ou pardas, tal proporção atingiu 45,6%. (IBGE, 2019, p. 2).

Por conseguinte, a diferença salarial entre os grupos é elevada, com uma porcentagem 73,9% maior para pessoas brancas em relação aos valores recebidos por pretos e pardos no comparativo do rendimento médio mensal obtido pela pesquisa em 2018.

Essas são algumas das consequências advindas de um conjunto de ações que gerenciam as desigualdades, entre elas o baixo acesso de pessoas negras às oportunidades educacionais. Nota-se, por exemplo, no tópico Educação da tabela (Figura 1), que a porcentagem de pretos e pardos com quinze (15) anos ou mais de idade em condição de analfabetismo, entre 2016 e 2018, é mais de duas vezes maior do que a de pessoas brancas - são 9,1% de pessoas negras em contrapartida aos 3,1% de brancos. Esse último grupo também tem forte presença quanto aos que conseguiram ter acesso ao sistema de ensino: os dados da pesquisa mostram que em relação ao ensino médio completo entre vinte e

cinco (25) anos ou mais de idade pessoas brancas somam 55,8%, enquanto esse mesmo grupo etário de pessoas negras teve avanço de 3%, passando dos 37,3% anteriores para 40,3%. Uma diferença aproximada de 16% entre brancos e não-brancos.

Outros cenários também mostram que houve avanços nos últimos anos, como aumento de 49,01% para 53,0% de presença das crianças negras com idade entre 0 e 5 anos nas creches, em dados de 2016 a 2018. No entanto, a continuidade delas ao longo do percurso escolar é outra maneira de constatar as desvantagens vividas por essa grande parcela da sociedade brasileira, como aponta o estudo:

Em 2018, praticamente não havia diferença entre as proporções de crianças de 6 a 10 anos de idade brancas e pretas ou pardas cursando os anos iniciais do ensino fundamental (96,5% e 95,8%, respectivamente), porém a proporção de jovens de 18 a 24 anos de idade de cor ou raça branca que frequentavam ou já haviam concluído o ensino superior (36,1%) era quase o dobro da observada entre aqueles de cor ou raça preta ou parda (18,3%). (IBGE, 2019, p. 7)

Quanto ao ingresso no ensino superior, as porcentagens demonstram que em 2018 o Brasil registrou a presença de 35,4% de pessoas pretas ou pardas nessa condição, mas ainda abaixo dos 53,2% de pessoas brancas. Em relação a presença desses grupos cursando o ensino superior entre os anos de 2016 e 2018, com idades de 18 a 24 anos, os dados mostram que a população preta ou parda chegou aos 55,6% de estudantes, porém segue em condições desiguais comparado aos 78,8% de brancos sentados em cadeiras de instituições de ensino superior do país. Quando combinados com outros fatores, esses dados são capazes de explicar de onde partem as desigualdades no Brasil em diferentes contextos com as pessoas pretas e pardas, expondo os efeitos da discriminação racial por via dessas trajetórias educacionais.

Ao longo dos anos, muitas (os) pesquisadoras (es) e ativistas negras (os) estiveram na linha de frente das reivindicações de mudanças no sistema formal de ensino, realizando movimentações contrárias às tentativas de silenciamento e implantação de conteúdos racistas. Para isso, ao realizar os estudos das desigualdades de acesso à educação levaram a raça como bússola, demonstrando como ela estava presente no ensino. Através de pesquisas, seminários e publicações, este grupo de estudiosos e ativistas ao longo dos anos, tem demonstrado uma preocupação com os efeitos deletérios desses conteúdos racistas sobre a formação da identidade racial do alunado negro (Silva e Hasenbalg, 1990, p.6).

Na obra *Raça e oportunidades educacionais no Brasil* (1990), Nelson do Valle Silva e Carlos A. Hasenbalg analisaram dados presentes na Pesquisa Nacional por

Amostra Domiciliar - PNAD de 1982 e enfatizaram que não somente classe e questões econômicas eram suficientes pela responsabilização das desigualdades educacionais, mas que houvera uma inviabilização de análises que incluíssem raça como elemento determinante nesses estudos por volta da década de 80 e que

Tudo se passa como se o Brasil fosse uma sociedade racialmente homogênea ou igualitária, onde os grandes vilões da história, em termos de acesso diferencial à educação, são as desigualdades de classe e *status* sócio-econômico. (SILVA e HASENBALG, 1990, p. 6).

Os dados presentes no estudo são capazes de escancarar a disparidade no acesso às oportunidades educacionais entre brancos e não-brancos no ano de 1980, constatando dentro de níveis de instrução desses grupos racializados que [...] não só a taxa de analfabetismo dos não-brancos é mais de duas vezes superior à dos brancos, como os membros desse último grupo contam com probabilidades sete vezes maiores de completar outros estudos universitários (SILVA e HASENBALG, 1990, p. 6).

Essa observação é tomada levando em consideração a taxa de analfabetismo, apontando que 36,5% das pessoas negras entre 15 e 64 anos de idade estavam nessa condição, enquanto brancos se limitavam aos 14,5%. Já em relação à diplomação em nível superior, 4,2% pertenciam às pessoas brancas e apenas 0,6% aos não-brancos.

Quando as análises realizadas por Silva e Hasenbalg (1990) citam o acesso ao ensino superior, eles notam que é nessa fase em que a desigualdade entre os grupos de cor tem grande elevação. As porcentagens da PNAD 1982 apontam que em relação ao ingresso em nível superior 13,6% eram de brancos, sendo somente 2,8% de pardos e 1,6% de pretos, após uma sequência de anos escolares com grandes desproporções no acesso e permanência dentro do sistema formal de ensino.

## **2. MOVIMENTAÇÕES NEGRAS**

A organização social e política de negros que visa debater e articular a emancipação dessa população forma o conjunto do Movimento Negro, um movimento responsável por conquistas que transitam pelo debate público sobre racismo e seus efeitos na sociedade, pela implementação de ações afirmativas e desenvolvimento da autoestima negra. No caso do Brasil, o Movimento Negro ressignifica e politiza afirmativamente a ideia de raça, entendendo-a como potência de emancipação, e não como uma regulação conservadora; explicita como ela opera na construção de identidades étnico-raciais (Gomes, 2017, p. 21).

Ainda segundo Gomes (2017),

Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. (Gomes, 2017, p. 23-24).

Os movimentos negros sempre atuaram de maneira persistente no espaço público brasileiro exigindo condições realmente igualitárias para essa população. Ações política-acadêmicas foram capazes de pressionar gestores públicos a encaminharem reivindicações que mudariam futuros e trariam heterogeneidade para os espaços como, por exemplo, ocorreu com a implementação do Projeto de Lei nº 3.627/2004 (BRASIL, 2004) que institui Sistema Especial de Reserva de Vagas para estudantes egressos de escolas públicas, em especial negros e indígenas, nas instituições públicas federais de educação superior e outras providências.

Conquistas que carregam o início de futuros com maiores possibilidades e continuidades de um passado no qual as movimentações de intelectuais e ativistas negras (os) possibilitaram, entre outros encontros, o seminário internacional *Multiculturalismo e racismo: o papel da ação afirmativa nos Estados democráticos contemporâneos*, em julho de 1996, nas dependências da Universidade de Brasília (UnB), onde “visava se debater o racismo no país, bem como pensar a formação de políticas públicas de combate à discriminação e à desigualdade raciais, entre as quais políticas de ações afirmativas” (Souza 1997 *apud* Sales, p. 26).

E, ainda, a *III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*, ocorrida em Durban, África do Sul, entre 31 de agosto e 8 de setembro de 2001 - onde se consolidou os encaminhamentos para políticas públicas visando a igualdade racial como objetivo a ser cumprido pelos países assinantes, entre eles o Brasil. As reverberações do momento tiveram reflexo quando “o presidente eleito na época, Luiz Inácio Lula da Silva, após investir-se no cargo de Presidente da República brasileira, criou, em 21 de março de 2003, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir)” (Sales, 2007, p. 28). Um marco na história brasileira que romperia, pelo menos em traços discursivos, com o constante projeto de embranquecimento pautado na falácia da democracia racial, que ganhou força

e se mantém enraizado através de um discurso de miscigenação, como apontado por Hasenbalg (1996)

um dos componentes do mito racial, tanto na sua versão forte, a brasileira, como na versão fraca, no resto da América Latina, é a reconstrução idílica do passado escravista. (...) Outro forte ingrediente desse mito racial é a ênfase na miscigenação, tida como indicadora de tolerância racial, e a apologia da mestiçagem. (Hasenbalg, 1996, p. 237).

### **2.1.Frente Negra Brasileira (FNB)**

A Frente Negra Brasileira fez parte da sociedade paulista na década de 1930, sendo uma das maiores entidades da época que almejava sua ampliação a nível nacional através de atividades afro-centradas. Composta por vários departamentos, promovia a educação e o entretenimento de seus membros, além de criar escolas e cursos de alfabetização de crianças, jovens e adultos (Gomes, 2017, p. 30). Importante espaço de empoderamento e articulação social da população negra da época, chegou a ser partido político no ano de 1936, mas viu no ano seguinte suas atividades terminarem após o decreto assinado por Getúlio Vargas que impedia articulações político-partidárias.

### **2.2. Teatro Experimental do Negro (TEN)**

A arte também foi/é um importante instrumento de articulação e afirmação da identidade negra, uma prova dessa movimentação artística com poder político na sua composição é a criação de Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, o Teatro Experimental do Negro (TEN), sediado no Rio de Janeiro no ano de 1950, que foi criado para colocar nos palcos artistas negros que visivelmente inexistiam nas peças teatrais apresentadas. “Estes pretendiam, por meio da cultura, especificamente do teatro, impulsionar os negros para esse ramo profissional, em que a ausência era patente, não pela falta de artistas negros, mas pela não aceitação destes em virtude de sua cor” (Costa, 2016, p. 33).

### **2.3. Imprensa Negra**

A exigência pelo seu lugar não apenas no âmbito laboral, mas em todos os espaços sociais, e principalmente com poder político, é uma reivindicação antiga e constante do

povo preto. Esta luta de resistência e reação começa ainda no percurso forçado de navios negreiros, passa por atos de rebeldia no sistema escravista e se encontra presente nas estratégias de sobrevivência do pós-abolição aos dias de hoje.

Não diferente, as reivindicações também estão nos periódicos que caracterizam a imprensa negra brasileira, aqui compreendida como “[...] jornais feitos por negros; para negros. veiculando assuntos de interesse das populações negras” (Pinto, 2010, p. 19-20). Divulgação de atividades recreativas e materiais artísticos, articulação política e denúncias ao racismo, as matérias veiculadas são importante fonte para compreensão do que é ser negro no Brasil a muitos anos. “A imprensa negra rompe com o imaginário racista do final do século XIX e início do século XX que, pautado no ideário do racismo científico, atribuía à população negra o lugar de inferioridade intelectual” (Gomes, 2017, p. 29).

#### **2.4. Nossa UNILAB de cada dia**

Cinco meses antes de ser um estudante matriculado no sistema, eu já circulava nos campi da Unilab. Isso se deu porque tive a sorte de morar com grandes amigas (os) quilombolas que estudavam aqui. Aliás, antes mesmo de chegar em terras redencionistas, minha rede de acolhimento foi através dessas (es) estudantes que já residiam na cidade, como Tainara, Tati, Carlinha e Otávio, que ingressaram pelo edital Quilombolas e Indígenas e que estavam recebendo suas raízes vindas de outros quilombos. Apesar de não ser um quilombola, fui recebido com grande carinho na residência e pude acompanhar muitas das lutas dentro da universidade, na exigência de que os direitos fossem respeitados, porque como diz a grande matriarca Ana Eugênia, “isso é um despautério”. Dividi momentos valiosos e mantenedores da sanidade com Raila, Iarles, José, Toinho, Dani, Manu e Geison, que mesmo quando nos dividimos, pelos desgastes das relações humanas, optamos por alugar casas próximas umas das outras a fim de facilitar a ajuda, fosse material ou sentimental. O que facilitou com que mais gente chegasse, criando uma grande comunidade com Camila, Lukennya, Kayles e sua bebê, Maria Nicolly. Compartilhamos afetos que foram vitais às nossas trajetórias.

**Figura 2:** Chegada em Redenção.



Fonte: arquivos pessoais. 2018

**Figura 3:** Rede de afetos - grande república.



Fonte: arquivos pessoais. 2018.

**Figura 4:** Encontro de estudos na casa de Ana Eugênia



Fonte: arquivos pessoais. 2019.

Essa rede de afeto sempre esteve de mãos dadas com a rede de resistências e pude aprender para além da sala de aula. A universidade já sofria um período sequencial de cortes orçamentários e naquele momento ocorria ocupação estudantil no Liberdade, na qual me juntei várias vezes. Quando me matriculei, já conhecia o movimento estudantil por causa das ocupações, o que me ajudou em adaptações com os sistemas da Universidade e que ao longo dos anos se tornaram redes inter cruzadas de oportunidades e afetos. Nomes como Eliaquim Gonçalves e Antônio Willame foram fundamentais na minha trajetória fora da acadêmica e dentro do curso.

**Figura 5:** Assembleia estudantil no Palmares II.



Fonte: arquivos pessoais. 2019

O BHU, com seu currículo ímpar, trouxe um grande motivo para satisfazer meus anseios por uma temporada vivida ao máximo que eu pudesse - e ainda sinto que foi o mínimo entre tantas possibilidades que encontrei no curso. As disciplinas me deixaram confortável para uma autoetnografia, tanto que foram elas - junto à Eliaquim e outras gays - responsáveis pela compreensão de que estava tudo bem em ser uma bicha preta afeminada, que isso não deveria me causar medo, nem repulsa, mas sim entusiasmo e discernimento.

Foram disciplinas como “Identidade e Poder”, com a Prof.<sup>a</sup> Carol Bernardo, e “Literatura Negra”, com a Prof.<sup>a</sup> Jacqueline Costa, que contribuíram para que eu me sentisse seguro de que sou um corpo negro e que isso deveria me orgulhar, ainda que dolorosamente o racismo esteja por todo lado, sendo tão cruel quanto qualquer armadilha. Aliás, não somente no BHU, mas em componentes de outras graduações porque o curso permite essa caminhada e faz um convite interdisciplinar à reflexão a partir de quem sou e com as histórias de quem me circunda. Uma rede de conhecimentos que me permitiu entrar em contato com as dinâmicas acadêmicas através das aulas, lutas, eventos, das pesquisas e dos grupos de extensão.

**Figura 6:** Aula da Prof.<sup>a</sup> Jacqueline Costa no Palmares II.



Fonte: arquivos pessoais. 2019

Quando fui selecionado no Projeto Teia, pude vivenciar a universidade até aos sábados, quando normalmente não há aulas. Nós éramos um grupo pequeno, mas com grande diversidade de nacionalidades e espaço para partilhar sobre nossas dinâmicas sociais e percursos de vida. Ouvi de Peti sobre o poder feminino na sua infância, de Abner sobre as histórias de rebanhos na sua comunidade, de Geissiele e Damiana sobre seus caminhos e as serras do Maciço. Produções que não estavam no papel, mas igualmente me enriquecendo de conhecimento através da oralidade.

**Figura 7:** Projeto Teia



Fonte: arquivos pessoais. 2019.

Quando eu quis experimentar minhas aspirações de comunicador, conheci Dani, aluna de história e jornalista, que dividiu comigo suas ideias, que depois me apresentou Luciano, técnico, que nos fez o convite para atuar na rádio. Infelizmente, empecilhos impossibilitaram essas ideias, mas a rede de oportunidades não tardou a crescer. Veio a Semana do BHU, onde participei pela primeira vez de uma mesa a convite da Prof.<sup>a</sup> Jacqueline Costa e onde pude me envolver com novas atividades, conhecendo outras (os) alunas (os), entendo as ameaças que pairam constantemente esse curso multicolorido que tem gente da serra, do sertão, do interior, da periferia, de África.

**Figura 8:** Semana do BHU.



Fonte: arquivos pessoais. 2019

As interações também me levaram a ministrar oficinas com Ana Cássia, estudante do BHU e jornalista, o que nos trouxe oportunidade de participar de eventos fora do estado, de expandir os desejos profissionais, de criar projetos que impactaram nas nossas trajetórias e serviram de divulgação da Unilab em outros territórios. Isso porque seja na fila do Restaurante Universitário, no térreo do Palmares e na sala de aula, a gente consegue se enxergar e interagir sem receios.



Figura 9: Oficina do Projeto Comunicadores de Rua. Fonte: arquivos pessoais. 2019.

Essa abertura para se achegar e sentir o ambiente foi o que me levou a outros grupos de extensão, muitas das vezes através das parcerias de momentos curtos, como ocorreu com a Intersol, onde atuei no I FestModa Maciço; com o K-talises podcast, que me permitiu experimentar ferramentas digitais e discussões da filosofia; como ocorreu também com o grupo Oritá, onde tive minha primeira experiência com pesquisa. Ambos através de convites que surgiram pelo contato com as disciplinas, numa relação que transborda a sala de aula.



Figura 10: Equipe Intersol no I FestModa Maciço. Fonte: arquivos pessoais. 2019.

Lugares importantes para que eu aprendesse a utilizar de dispositivos que me serviriam para contribuir em outras oportunidades futuras surgidas nas redes de afroafeto, como ocorreu com a participação na campanha política de Mazéh Silva e Taciane Faustino, a convite da minha amiga Jacqueline Costa; na oficina com a comunidade quilombola Serra do Evaristo, a convite da colega Geyse, da pedagogia; e com outros convites vindos dos laços unilabianos.

Esse é um percurso que segue laços mesmo na finalização do curso, porque são redes e essas se firmam, se expandem e se modificam, como ocorre com minha atuação na Reapodere, coordenada pelo Prof. James Jr, que possibilitou com que eu vivenciasse a extensão de uma maneira afetuosa e ativa. Grupo esse onde tive a chance de ser bolsista de Iniciação Científica, de contar com laços importantes com Ailton, supervisor da pesquisa, Rita, Jardel e Lara, que também são minhas colegas de curso; e onde tenho uma metodologia pautada na compreensão, segurança para propor e crescimento com colaborações intercurtos, interuniversitárias e interestaduais.

**Figura 11:** Reapodere em reunião virtual devido ao Covid-19.



Fonte: arquivo pessoal. 2020

Com a Unilab, eu tive a oportunidade de ir ao cinema e ao teatro, com o projeto “Rota das Culturas” e de conhecer ainda mais sobre os países do continente africano sem sair da cidade, com o “Festival das Culturas”. Minha trajetória na nossa Unilab é singular e especial. Se reencarnar outras vezes, que aqui eu chegue, pois ainda me faltou viver ainda mais os ambientes, outros grupos, várias extensões e lutas. Mesmo que me sinta

completo e confiante com quem essa universidade me tornou, ainda transbordaria por mais experiências geradas pela grandiosidade do que é ser e estar num espaço com pessoas que nos acolhem.

**Figura 12:** Participando do Festival das Culturas.



Fonte: arquivos pessoais. 2019.

### 3. CAMINHOS DA PESQUISA

Pensar os objetivos e a metodologia dessa pesquisa não foi somente o ponto de partida, foi também o percurso. Ao longo do processo de caminhada e observação do que atravessava as lembranças, foram surgindo os passos do fazer pesquisa versada no sentir. E assim, entre tantos caminhos encontrados, chegou-se à uma encruzilhada com as opções que precisávamos para seguir. Pensando com Rufino (2018) e sua proposta de uma Pedagogia das Encruzilhadas que tem Exu como o pedagogo, “as encruzilhadas são campos de possibilidades, tempo/espaço de potência, onde todas as opções se atravessam, dialogam, se entroncam e se contaminam” (Rufino, 2018, p. 75-76).

Muito antes dessa escrita e para além desse tempo, tudo que aqui aparece carrega outras (os) pensadoras (es), que produziram em seus caminhos sobre seus passos e de nossos antepassados, na construção secular de uma grande rede de resistências através de uma outra forma de fazer pesquisa a partir das nossas narrativas.

É o que está falando Jacqueline S. Costa (2015), em sua tese de doutoramento, em quanto questiona se o currículo pode mudar. Ela pontua que

“Pensar mudanças nos currículos num contexto de efetivo desenvolvimento de políticas afirmativas na Universidade, é um chamado para novas reflexões do trabalho educativo em que pese conteúdos sobre a constituição étnico-racial de nação.” (Costa, 2015, p. 216)

Ao responder em afirmativo que o currículo pode mudar, Costa (2015) observa que o contato com a diversidade de narrativas incorpora à academia alterações nas práticas pedagógicas dos docentes, e que

“Portanto, o legado étnico e cultural que os (as) estudantes trazem consigo tem valor e importa para se pensar na “geopolítica” do conhecimento. Reconhecê-los (as) como sujeitos (as) de sua experiência é retirá-los (as) da margem e trazê-los (as) para o centro. É reconhecer a sua humanidade.” (Costa, 2015, p. 217).

### **3.1. Objetivo Geral**

Compreender as trajetórias de jornalistas pretas e pretos ingressantes por cotas raciais nas universidades públicas e privadas. Enegrecendo e observando a (re)construção de lugares seguros para a profissionalização, para o fortalecimento de redes de apoio, redes de resistências e redes de afroafetos.

### **3.2. Objetivos Específicos**

- Destacar a importância do movimento negro na luta pela educação e na luta antirracista;
- Analisar as desigualdades entre brancos e pretos no Brasil;
- Enegrecer episódios de racismo no cotidiano desses profissionais;
- Apontar a fabricação das imagens de controle acerca desses corpos.

### 3.3. Tipo de método

A metodologia presente nessa pesquisa se espelha nas “Experiências Vividas” pela (o) profissional destacando sua posição enquanto sujeito, entendendo que “nas dinâmicas do racismo, nós nos tornamos *sujeitos* incompletos” (Kilomba, 2019, p. 80). Por isso, a abordagem utilizada nesta pesquisa visa acolher as experiências ao longo das fases da vida da (o) entrevistada (o) com abertura à suas inúmeras possibilidades de vivências enquanto sujeitos político-social-particular na sociedade. Inclusive, com minha própria imersão no cenário durante a ampla análise, por compreender que “tem-se o direito de ser um *sujeito* - político, social e individual - em vez da materialização da Outridade, encarcerada no reino da objetividade” (Kilomba, 2019, p. 81-82).

A segunda abordagem teórica a ser empregada será a interseccional, conceito formulado por Kimberlé Crenshaw (2002). A autora define este conceito como uma associação de:

Sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (Crenshaw, p. 7, 2002).

Crenshaw (2002), chama a atenção e destaca que a interseccionalidade também busca analisar agendas e formas de formular políticas públicas e gestões que fomentam regimes de opressão, nos “eixos de subordinação” fortalecendo e criando, o que vai denominar de “aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (p.7).

### 3.4. Técnica a ser utilizada

Este trabalho utiliza-se de perguntas semiestruturadas, possibilitadoras de relatos espontâneos capazes de serem dialogados com inclusão de novas perguntas ao longo das entrevistas. A realização das entrevistas teve caráter biográfico porque “a experiência do racismo não é um acontecimento momentâneo ou pontual, é uma experiência contínua que atravessa a biografia do indivíduo, uma experiência que envolve uma memória histórica de opressão racial, escravização e colonização” (Kilomba, 2019, p. 85). Por tanto, utilizamos um roteiro que trouxe disposição para a entrevista e foi capaz de corresponder aos objetivos.

### 3.5. Conceitos usados na pesquisa

No título do trabalho trazemos alguns conceitos. “Jornalistas pretas e pretos: (re)construir **lugares seguros** para o fortalecimento de **Redes de Apoio**, Redes de Resistência e **Redes de Afroafetos**”.

Redes de Apoio, é um conceito pensado por Moema de Poli Teixeira (2003), em pesquisa intitulada “Negros na universidade: identidade e trajetórias de ascensão social no Rio de Janeiro”. A formulação do conceito foi possível ser formulada em razão de estar presente nas narrativas de seus colaboradores (as), daí a autora denomina de “‘redes’ de relações o fator social determinante nas trajetórias de ascensão em suas vidas” (TEIXEIRA, 2003, p. 217).

De acordo com Teixeira (2003), as dificuldades de permanecer na universidade são de toda ordem, financeiras, emocionais entre outras, enfrentadas por professores (as) e estudantes negros (as). Por esse motivo que estabelecem parceiros e parceiras dentro e fora do ambiente familiar. No ano seguinte, Andréia Maria da Cruz Oliveira Amorim (2004), em pesquisa intitulada “Cor e Ensino Superior: trajetórias e o sucesso escolar de universitários negros na UFMT”, identifica o mesmo fenômeno nas trajetórias de sucesso estudantes negros e negras e uma forte ligação com a família.

Em 2005, Jacqueline da Silva Costa, em pesquisa intitulada “Cor em Movimento: Um estudo de caso sobre a vida cotidiana de jovens e adultos negros do projeto Pré-vestibular gerido pela UNEMAT no município de Cáceres. Assim como Amorim (2004) ancorado em Teixeira (2003), que para além de as (os) bolsistas de um projeto pré-vestibular para negros oferecido pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), que mesmo tendo bolsa de estudo para cursar um cursinho pré-vestibular em um curso pago, externo à universidade, estas (es) sofreram racismo a vida toda, passaram por dificuldades financeiras, ou seja, tiveram que “adiar” o sonho de entrar na universidade pública. Com a bolsa de estudo esse sonho volta com toda força, pois conseguem cursar o cursinho e destacam fortemente o apoio de seus familiares, namoradas (os) e amigas (os).

Com Marta Quintiliano (2019), ampliamos nosso escopo teórico sobre essas “redes” a partir da sua pesquisa de mestrado intitulada “Análise das Representações Sociais de Estudantes Indígenas e Quilombolas sobre as Políticas de Cotas da UFG – (2009 – 2013)”. A pesquisadora, formula o conceito de “Afroafeto”.

O afroafeto é a aceitação e disposição à solidariedade emotiva, uma aproximação pelo amadurecimento político e o reconhecimento que as variadas e históricas formas de opressão foram enfrentadas historicamente por uma rede de resistência que se fortalecia e se fortalece, sobretudo pelo afeto, acolhimento, cuidado e respeito [...]. (QUINTILIANO, 2017, p. 86)

Segundo Quintiliano (2019) esse conceito foi possível ser pensado, formulado e sentido após a sua experiência de ter convivido no território “unilabiano,”

Em janeiro de 2018, já no Mestrado do PPGAS, recebi mensagem por um aplicativo de uma amiga sobre o link do evento que aconteceria na Universidade de Integração Luso Afro-Brasileira (UNILAB) na cidade de Redenção - Ceará. Segundo Natália Cabanillas, a temática era muito importante para minha pesquisa, além de ter contato com pesquisadores de outros países, o que promoveria uma rica troca de saberes. Ela estava certa. (QUINTILIANO, 2019, p. 31)

Desse modo, a autora nos convida a conhecer o percurso que fez para confeccionar o conceito,

Após os dias de reflexão e amadurecimento vivenciados na Unilab, a palavra afroafetos começou a povoar minha mente e os meus textos imagéticos. A expressão Afro-indígenaafetivas começou a pairar em minha cabeça ainda em Redenção, Ceará. Lá, comecei a entender que nós temos uma rede de afetos na UFG e que não nos damos conta do quanto ela é forte, potente e vital. Nós construímos afetos através das rodas de conversas, eventos, viagens acadêmicas ou quando levamos um amigo indígena ou quilombola para conhecer nossos lares. (QUINTILIANO, 2019, p. 32)

Essas leituras nos fizeram pensar e ter a certeza de que a universidade é o nosso lugar, é lugar de preta e preto produzir conhecimento e uma nova epistemologia.

### 3.6.Descrição de participantes:

<b>Dados</b>	<b>Cássia</b>	<b>Bruno</b>
Idade	35	23
Estado	Ceará	Pernambuco
-	-	-
E. Fundamental	Pública (Escola Comunitária)	Pública (Regular)
E. Médio	Pública (EJA)	Pública (Regular)
-	-	-
Tentativas de Ingresso	3	1
Preparação pré-ENEM	Não teve apoio até realizar cursinho pago (3ª tentativa)	Gratuito e Pago
-	-	-
E. Superior	Particular (Prouni)	Pública
Curso	Jornalismo	Jornalismo
Ano de Ingresso	2009 (c/ 23 anos)	2015 (c/ 18 anos)
Ano de Saída	2014 (c/ 28 anos)	2018 (c/ 20 anos)
Auxílio Estudantil	Não	Não
Bolsa Remunerada	Não	Sim
Mudou de Cidade	Não	Sim
Estágio	Sim	Sim
-	-	-
Trabalha Antes da Universidade	Sim (Empresa privada)	Não
Trabalhou Durante Curso	Não	Não
Trabalha Atualmente	Sim (Autônoma)	Sim (Empresa Privada/Autônomo)
-	-	-
Irmãos	Sim (4)	Sim (3)
Escolaridade - Mãe	4ª série	Ensino Superior
Profissão - Mãe	Empregada Doméstica	Pedagoga

Fonte: Ezequiel Nunes de Lima (2021).

No objetivo pessoal desta pesquisa busco por referências no âmbito da Comunicação, procurando por carreiras profissionais que partissem de uma realidade semelhante à minha com seus marcadores sociais de raça, classe e região do país. A busca por trajetórias era o mapa e elas surgiram, cada qual com sua biografia, que ao longo da análise se entrelaçam à encruzilhada da minha vida.

Foram 2 (duas) colaborações selecionadas a partir de convites que enviei diretamente às pessoas via e-mail. Os critérios utilizados foram: (1) aceitar participar da pesquisa; (2) ser maior de 18 (dezoito) anos; (3) se autodeclarar negra (o), assim como eu; (4) ser do estado do Ceará ou região Nordeste; (5) vim de escola pública e/ou ser de família baixa renda; e (6) ter entrado sido cotista. As duas colaborações concordaram com a divulgação de seus nomes para a pesquisa. Em decorrência da pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19), as atividades foram transferidas para ambientes virtuais, por isso as entrevistas ocorreram através da plataforma de videoconferência Google Meet.

Assim, a pesquisa contou com a trajetória de: Ana Cássia, mulher negra, cearense nascida e residente na capital Fortaleza e com 35 (trinta e cinco) anos de idade. Cássia foi aluna de escola comunitária, passou pelo Ensino de Jovens e Adultos - EJA no período do Ensino Médio e após duas tentativas em faculdades que foram interrompidas, entrou em um cursinho particular pré-vestibular até conseguir a oportunidade de cursar a faculdade de jornalismo através do Programa Universidade para Todos (PROUNI), que pleiteia bolsas de estudo em instituições particulares de ensino superior no Brasil, vindo a se formar no ano de 2014 pela FANOR.

E Bruno Vinícius, um homem negro, pernambucano nascido no município de Sirinhaém e residente na capital Recife. Tem 23 (vinte e três) anos de idade, foi aluno de escola pública e, com o apoio da escola e investimento em cursinho pré-vestibular, entrou em jornalismo pela instituição federal presente no estado, a UFPE, concluindo o curso em 2018.

#### 4. ANÁLISES DE ENTREVISTAS

**“A comunicação, ela teve muito presente na minha infância,**  
(Cássia)

As trajetórias aqui compartilhadas e analisadas compõem uma importante representatividade para mim e com certeza para grande parte da população negra deste país, ao mesmo tempo que despertaram a existência de um desconforto sentido o tempo todo. Assim, ao fazer uma leitura atenta de Grada Kilomba (2019), percebi que ela consegue enegrecer este fato quando diz que,

Poderíamos dizer que no mundo conceitual *branco* é como se o inconsciente coletivo das pessoas *negras* fosse pré-programado para a alienação, decepção e trauma psíquico, uma vez que as imagens da *negritude* às quais somos confrontadas/os não são nada realistas, tampouco gratificantes. (Kilomba, 2019, p. 38-39).

A visualização do racismo numa continuidade constante que se atualiza me fez perceber o quão não seria fácil lidar com as análises, sabendo que histórias de pessoas negras teriam como fio condutor o racismo sofrido ao longo dos anos de vida. A partir de Carolina Maria Costa Bernardo (2016) fui compreendendo que “olhar para minha história é olhar, de forma micro, para a história do país e compreender melhor as limitações políticas, sociais e psicológicas que aprisionaram em estereótipos as populações negras” (Bernardo, 2016, p. 63).

Com o período atual de pandemia, causada pelo Covid-19, sequência de informações revoltantes e desanimadoras a respeito do contexto sociopolítico do país e ataques diários à educação e cultura, dentro de uma realidade ameaçadora às vidas negras estampadas nos jornais, nas redes sociais, vividas nas ruas e em nossas próprias casas, me fez paralisar inúmeras vezes aos prantos essa escrita enquanto retornava às minhas lembranças pessoais, fazia as leituras e ouvia os trechos das entrevistas. Relutei muito durante a escuta das biografias ao ver o racismo como um ponto de ligação das nossas histórias, mesmo com cada pessoa tendo sua particularidade e voltei a ser confrontado com a autora Bernardo (2016), que pontua:

As condições dos negros e das negras que se disfarçam de branco, das estatísticas da violência, das penitenciárias, das periferias, do futebol, da ausência dos espaços de poder são reflexos de um racismo histórico. Atualmente, ainda é doloroso e profundo o estranhamento que o indivíduo negro sofre ao se descobrir negro, não conseguindo construir e manter uma ontologia própria (e de seus ancestrais), já que se situa frente a um sistema de referência que não o inclui, o nega e o destitui de valores nobres [...] (Bernardo, 2016, p. 63-64)

Na busca por referências de sucesso para me inspirar, me deparei com questionamentos a respeito de como isso era construído na minha vida. De fato, quanto um corpo colonizado, ainda são muitas ideias dentro do que eu acreditava ser o ideal, e que sempre estão intimamente ligados ao racismo. Perceber isso é nitidamente doloroso.

Por sorte, também se pode partilhar as lutas internas, porque apesar da permanente presença dos episódios de racismo, as redes de resistências e afroafetos contribuem para a construção de espaços seguros nos quais nós podemos reinventarmos nossa existência.

Assim as produções de Teixeira (2003), Amorim (2004), Costa (2005) sobre essas “redes” possíveis de estabelecer para a que sobrevivamos na academia, somadas ao que Quintiliano (2017) formula o “afroafeto”, cresce em mim a certeza de que para além das cicatrizes que o racismo nos deixa, levarei da Unilab muito aprendizado, afetos e uma intelectualidade potente.

Sobre isso hooks (2013), diz, “Somos transformados, individualmente, coletivamente, à medida em que produzimos um espaço criativo radical que afirma e sustenta nossa subjetividade, [...] a partir do qual podemos articular nosso senso de mundo”.

#### **4.1. Infância, memórias e projeções profissionais dentro da comunicação**

Cássia e Bruno, ao relatarem lembranças da infância trazem elementos importantes que apresentam suas vidas. Ainda crianças, interpretam suas brincadeiras como uma profissão a ser seguida, como uma estratégia de viver outras realidades possíveis.

Isso fica evidente na memória de Cássia, onde a comunicação foi o espaço encontrado por ela para imaginar “futuros”, principalmente na ausência de sua mãe, que saía para o trabalho de diarista:

“A comunicação, ela teve muito presente na minha infância, seja a TV que era minha babá de fato, porque minha mãe não tava em casa e eu tinha um contato direto; as revistas, porque como ela [mãe] trabalhava em casa de família, ela sempre trazia revista, então eu tinha muita revista e eu dava aula pros meus bonecos; e dentro da escola os projetos de jornal, [...] eu ficava me dizendo que tava apresentando um jornal”.

Já Bruno, recorda que a Copa do Mundo da Alemanha (2006) o fez ver lugares e trouxe outras visões para sua infância:

“Eu sempre quis conhecer o mundo, né, e aí a Copa assim, sempre passava nas matérias e tal, e a gente não tinha muito acesso, a internet era algo bastante limitado pra nossa infância. [...] eu acho que foi algo pra minha vida, né, deu conhecer novos horizontes, que existiam coisas pra além do mundo que eu conhecia”.

Ambos utilizaram do seu contexto para imaginarem a existência de possibilidades diferentes do que viviam no dia a dia.

Tanto Cássia quanto Bruno também trazem da infância as numerosas vezes que sofreram racismo. Ambos relatam as ofensas expelidas usando seus traços negros; vindas por meios sutis - mas igualmente devastadoras - através de olhares; e em vários comportamentos, que ecoam ao longo das fases da vida.

Cássia pontua o tratamento dado ao seu cabelo:

“[...] o meu cabelo é crespo, minha tia diz que quando eu era pequena, meu nariz era achatado e que eu tive sorte de que quando eu fui crescendo meu nariz foi mudando. A forma que tratavam meu cabelo também, era tanto que ele vivia preso. [...] Ave maria, tem umas fotos, meu cabelo fedia, sabe, a mofo. Porque ele sempre tava molhado, preso, com aquele gigolê pra não sair daquela caixa, sempre preso, contido. Não podia ficar armado. É tanto que tem poucas fotos que esse cabelo tá livre, ele tá livre hoje em dia, adulta, e mesmo assim às vezes sofro algumas coisas, mas hoje em dia não me importo mais. Mas quando eu era criança era muito ruim. [...] meu cabelo foi um sinal de sofrimento por muito tempo, é tanto que eu comecei a alisar ele eu tinha dez anos de idade.”

Bruno cita os avisos de cuidado recebidos em casa:

“[...] eu lembro de muitos momentos que tinha uma responsabilização muito forte sobre mim desde o início da infância, coisa que não era aplicada ao meu irmão, por exemplo, meu irmão é branco. Eu vi a necessidade de amadurecer muito cedo também. Também tem a questão do contato com a violência, proteção, não ter que sair tarde na rua. Então, tinha uma proteção grande porque, enfim, né, logo da infância já tem contato com pessoas que já são mortas, adolescentes, por algum motivo, envolvimento com, enfim, a gente sabe que a política antidrogas brasileira afeta bastante essa população, então isso foi afetando. Além de algumas coisas discriminatórias, algumas declarações, em relação ao cabelo, em relação ao nariz.”

#### 4.2. “Ô Mulata”: Outrificação e Imagens de controle como dominação de nossos corpos

“eu tenho ódio do termo ‘ô mulata’,  
(Cássia)

As trajetórias de Bruno e Cássia são marcadas desde muito cedo pelas piadas degradantes e os maus tratos com seus cabelos, além de corpos sob constante vigilância. Esse controle que tem por finalidade uma dominação é feito, dentre outras formas, através de imagens estereotipadas. Patrícia H. Collins (2019) pontua que “Essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (Collins, 2019, p. 136).

Ao abordar as imagens utilizadas com mulheres negras, Collins (2019) observa que “o *status* de *outsider* das afro-americanas se torna o ponto a partir do qual outros grupos se definem como normais” (Collins, 2019, p. 136)

Segundo Collins (2019), “Retratar as afro-americanas com os estereótipos da *mammy*, da matriarca, da mãe dependente do Estado e da gostosa ajuda a justificar sua opressão” (Collins, p. 135). “Mulata” é um dos termos que desempenha esse papel de desumanização, ao fazer comparativo à uma mula; e de dominação através da imagem erotizada. O termo “Mulata” é destacado nas situações de assédio relatadas por Cássia, de como se direcionavam à ela numa relação entre racismo e sexismo:

“[...] tá sempre relacionado às situações de assédio. E aí assédio por vezes vindo tanto de colegas, de tentar forçar a gente, quanto também de professores. Não sei se já falei contigo uma vez como eu tenho abuso do termo ‘ô mulata’, eu tenho ódio do termo ‘ô mulata’, porque infelizmente os agressores tanto no ensino médio como também em situações de trabalho, eles sempre usavam o termo ‘ô mulata’ achando que isso era um grande elogio relacionado a mim e eu tinha muito nojo. Tinha muito nojo quando eles vinham com o termo ‘ô mulata’ ou tentando pegar (no corpo), que você sente a malícia da pessoa, você percebe que esse tocar num é um tocar ‘encostei em ti’, tem uma malícia. E aí essas situações que pra mim tavam muito direcionada, tá muito ligada a violência. E eu sei que dado momento, por esse ‘ô mulata’, tem essa ideia de, de desejo sexual e tudo mais por conta de um estereótipo que existe de que a mulata é... aí meu deus, e naquela época eu era tão boba, tão boba.”

Mais que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização (Kilomba, 2019, p. 126-127). Durante sua fala, Bruno rememora as ofensas ao seu cabelo e o impacto causado na autoestima:

“Lembro de algumas situações, assim, que eu acho que foi o primeiro momento em que eu ouvi piadas severas acerca de cabelo. Eu acho que o ensino médio minou minha autoestima enquanto pessoa e tal... de tentar me encontrar, de me reconhecer enquanto pessoa. Porque eram... eram situações corriqueiras, né... de... enfim... sei lá, prêmio de mais feio da sala ou algo assim do tipo. Tinha piadas com o cabelo frequentemente, sobre nariz, sobre pele também, então eu lembro bastante de algumas situações que envolviam, sabe. Não uma situação específica porque eu acho que era muito recorrente, assim, tenho alguns lapsos de memória.”

Embora a pesquisa de Patrícia H. Collins e Grada Kilomba, não tenham sido realizadas no Brasil, elas se assemelham com a realidade brasileira. Essa semelhança, pode ser pelo fato de que se trata de países que passaram pelo processo perverso de colonização.

### **4.3. Juventude/Universidade/Racionalidade**

O período na universidade foi um momento de reconhecer que as situações vividas estavam ligadas às suas existências negras num mundo de projeções brancas. A universidade, como uma estufa de vivências sociais, e os movimentos estudantis modificadores da estrutura, fizeram com que Cássia e Bruno se aproximassem dos debates em torno do racismo e mudassem percepções pessoais.

Cássia conta a importância que os movimentos estudantis tiveram nos seus processos pessoais de formação de uma consciência crítica:

“Essa criticidade começa a surgir com FANOR e muito ligado aos grupos de comunicação, né. Tem a ENECOS, que já começa a trazer essas ideias de movimento estudantil e tudo mais que eu desconhecia total, embora meus coleguinhas deste movimento estudantil fossem todos da UFC, mas foi a partir dessa experiência que eu comecei a tencionar, a me tencionar e pensar em mim de forma mais racializada, porque até então eu não questionava muito não. É tanto que um tempo desse “mulata”, embora eu me sentisse mal, eu entendia tal hora como um elogio, uma série de questões eu não via como situação de racismo e hoje eu sei que são. Mas é isso, eu acho que foi a partir da minha entrada nos movimentos estudantis que eu comecei a refletir sobre essas questões, que até então eu não fazia essas reflexões. Já que também dentro da minha universidade não tinha essas reflexões, não era uma Unilab que pensa numa universidade decolonial, era uma universidade particular, que tem uma estrutura patriarcal, que segue as normativas, porque o foco principal é profissionalizar aquela pessoa pra ir pro mercado de trabalho, é isso.”

Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial (Kilomba, 2019, p. 127). Durante o período de faculdade, a identificação de Bruno com

peessoas semelhantes no espaço acadêmico o deixou confortável, seguro, fizeram com que ele até deixasse o cabelo crescer:

“Eu acho que a universidade é um espaço que as pessoas acabam colocando como academicista, como algo que não alcança, mas quando a gente tá nesse espaço, quando a gente encontra pessoas iguais a gente nesse espaço, a gente acaba construindo coisas bastante legais. E eu acho que a universidade foi bastante... eu acabei deixando meu cabelo crescer durante a universidade, eu comecei a me identificar mais fortemente enquanto pessoa negra na universidade, né, então eu acho que isso foi ótimo.”

Pensando com Patrícia H. Collins, nos relatos de Cássia e Bruno podemos perceber a construção de espaços seguros que possibilitam ser quem se é. Espaços como a universidade, como os coletivos estudantis, coletivos negros, lgbs, etc; são espaços onde poder deixar o cabelo crescer e até mesmo trocar suas formas - seja tranças, cabelos coloridos, penteados africanos (quesito no qual temos muito a aprender com estudantes guinenses, caboverdianas, angolanas, moçambicanas, são tomeenses) - restauram autoestima e se arma contra o racismo.

#### **4.4. Processos Seletivos, no emprego e a Ida para o mercado de trabalho**

De modos distintos, Cássia e Bruno ilustram bem as tristes experiências de pessoas negras nos seus contatos com o mercado de trabalho, onde as oportunidades são escassas e frustrantes.

Quando perguntada sobre as rejeições em processos seletivos, Cássia relembra que no seu último emprego um olhar de avaliação do seu corpo estava presente:

"Eu fui um dia sem os dreads, com cabelo preso, bonitinho, e no outro dia eu fui com os dreads, eu botei as tranças. Pra quê, a mulher olhou pra mim com a cara assim, meu deus do céu. Eu fiquei pensando ‘se eu tivesse ido no dia anterior pra entrevista de emprego com esse cabelo eu não teria, né, conseguido o emprego’, porque pela forma que ela me olhou, sabe? Você sente um peso no olhar da pessoa quando ela reprova qualquer coisa, seja no teu cabelo... E é muito forte esse olhar de reprovação que a gente percebe”.

As lembranças em torno de comentários relacionados à aparência, no período de estágio e emprego, se repetem. De repente, o *sujeito negro* torna-se um *objeto* para as/os *brancas/os* olharem, se dirigirem e questionarem, a qualquer momento e em qualquer lugar (Kilomba, 2019, p. 116).

Lendo Conceição Evaristo (2009), pude observar também que nossas vidas são permeadas pela ficção, dado o sucesso de novelas, por exemplo, e que está

“ainda se ancora nas imagens de passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e /ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor” (Evaristo, 2009, p. 23).

Esse último ponto, do corpo-objeto, é constantemente desarquivado nas memórias de Cássia, que ao comentar sobre sua inserção no mercado de trabalho, pontua o assédio sofrido:

“[...] tanto esse assédio de colocação sexual, de ‘mulata’, [...] em relação ao corpo, em relação a roupa, em relação a uma série de outras coisas. Porque existe em mim o ‘efeito sanfona’, às vezes eu consigo emagrecer, e aí quando eu consigo emagrecer agrada aos olhos de terceiros, né. Só que no momento que eu começo a engordar desagrada aos olhos de terceiro também, então eu acabo passando também por esse processo de muitas críticas em relação ao corpo. E aí se eu deixava o cabelo ficar crespo, desagradava outros porque as pessoas acham que é mais higienizado o cabelo liso. E, e é isso. Eu sinto que meu corpo é muito demarcado por situações não favoráveis, sabe, da crítica do outro, e eu acho que por muito tempo isso acabou me abalando muito, a me negar por muitas vezes, mas é um aprendizado, né. É tanto que hoje eu não deixo essas coisas me abalarem tanto.”

Bruno recorda que as tentativas frustradas o fizeram se culpar, pois entre o caos, vagas que anunciavam uma procura por profissionais negros acabavam por selecionar brancos:

“[...] durante o período que eu tava procurando [emprego] pensei em até raspar o cabelo pra ficar com um visual bem ‘tanãã’ (higienizado) pra ver se eu conseguia alguma coisa, porque eu já tinha feito mais de dez entrevistas e não tinha conseguido nenhuma, nenhuma vaga. [...] Tanto que antes eu ficava me culpando, não sabia porquê, mas quando eu entrei no jornal mais concorrido de Pernambuco, maior jornal de Pernambuco, falei ‘oh, acho que tem algum erro aí’, e justamente eu consegui a vaga na primeira pessoa negra que me selecionou [...] Teve vaga que eu já me candidatei que era pra pessoas negras e no fim só branca contratada, eu fiquei assim, arrasado. [...]

Da época de estágio e com o recente emprego, ele destaca que ter encontrado pessoas negras em cargos de lideranças contribuiu para que seu ambiente de trabalho não apresentasse situações com comentários ou olhares racistas para cabelo, vestimentas e afins:

“Olhe, eu não lembro, não me recordo. Acho que de estágio, de emprego, acho que realmente eu não encontrei, assim, essa barreira de... de... disso assim, sempre foi muito ok, até porque eu tive chefias negras, né, eu acho que isso foi ótimo. Desde sempre, sempre tive chefias negras. Agora na Folha não tive pessoa negra no comando, mas a chefe de redação é negra e minha chefe direta ela é lésbica, então isso foi ótimo pra mim.”

O que Cássia e Bruno sentiram na pele ao buscar uma vaga no mercado de trabalho, Lélia Gonzáles já denuncia na década de 70, de como a fotografia de “boa aparência” era tida como um passaporte para a branquitude permanecer nos melhores postos.

#### **4.5. Falar sobre racismo no ambiente de trabalho**

Sobre o racismo no ambiente de trabalho, buscamos em Audre Lorde (2019) para pensar aspectos como a “raiva” e o que as mulheres fazem quando à sentem fortemente. Audre Lorde, aponta que “mulheres que reagem ao racismo são mulheres que reagem à raiva; a raiva da exclusão, do privilégio que não é questionado, das distorções raciais, do silêncio, dos maus-tratos, dos estereótipos, da postura defensiva, do mau julgamento, da traição e da cooptação” (LORDE, 2019, p. 155).

Seguindo essa transformação através do uso da raiva, Cássia conta que já teve dificuldade em expor sua indignação, mas que a criticidade à ensinou não se calar:

“Hoje em dia eu percebo que tem muito a ideia de que eu sou a chata, que eu vou problematizar tudo, que eu vou ficar falando besteira, que não sei o quê mais lá, que existe a Cássia antes da Unilab e a Cássia depois da Unilab e a Cássia depois da Unilab ela é muito chata porque ela fica problematizando as situações. Quando eu era mais jovem não vivenciei tanto isso porque eu simplesmente silenciava. Hoje eu tenho um certo atrito com familiar, já tem algum tempo, mas isso veio a partir do momento que eu parei de silenciar, de ver as situações de racismo, de ver as situações de preconceito, de ver uma série de situações e não me calar mais, porque eu só calava. Sabe aquele que “quem cala, confirma”? Então ficava calada, eu não dizia nada, eu só aceitava tanto críticas em relação a mim como também o que falavam sobre os outros. A partir do momento que eu comecei a ter esse teor mais crítico em relação às coisas, automaticamente as pessoas tendem a se afastar de você, mas também você tende a se afastar dessas pessoas, né, que não pensam. Pensam que podem tá ferindo o outro. Mas é uma mudança que não aconteceu de um dia pro outro, mudanças que seguem na verdade acontecendo até hoje”.

Bruno pontua que encontrou um lugar mais aberto no seu trabalho e que também precisa falar de outras temáticas:

“Teve um tempo que eu tava assim de saco cheio de falar sobre racismo no jornal e as pessoas queriam me empurrar pra falar, né, tem aquela coisa também. Porque também eu acho que a gente não pode se resumir a essa experiência, eu acho que a gente tem talento pra falar de diversas outras coisas. Claro que a gente colocar um olhar racializado sobre pautas, discutir sobre diversos assuntos sob um olhar racializado, eu acho que é importante, acho que é fundamental, mas num vai falar só sobre racismo, né? Vai falar sobre economia, sobre política, sobre cultura, sobre diversas outras coisas que estão para além dessas temáticas”.

A fala de Bruno remete aos desafios que vão se atualizando no combate ao racismo e das nossas tentativas e, falarmos para além dele, justamente porque somos muito além da perversidade que nos persegue, nos aprisiona e nos mata. Somos diversos, com histórias, referências e objetivos múltiplos, e queremos falar de diversos assuntos com as nossas maneiras próprias de enxergamos o mundo.

## 5. CONSIDERAÇÕES

Essa pesquisa também é uma continuidade da minha busca por saber quem sou no mundo e quais maneiras de entrelaçar com a formação, trabalho, relações e criação de redes. Por isso foi fundamental entrar em contato com referências que me acompanharão pela trajetória pessoal, acadêmica e vocacional. Quis me encontrar nas biografias e, de forma indissociável, encontrei a insegurança de viver na minha pele, mas igualmente reafirmar o prazer de ser como sou, de sentir que fazemos parte algo maior, através das trajetórias de Bruno e Cássia junto aos pensamentos das (os) intelectuais.

Para o ambiente acadêmico, essas trajetórias apresentadas aqui são importantes contribuições para a continuação de uma universidade diversificada, que traga para seu centro a responsabilidade de acolher e potencializar nossas narrativas negras. Logo, que sirva como fonte aos trabalhos mantenedores do percurso intelectual de nossas (os) ancestrais e de nós mesmas (os).

Do ponto de vista do que foi proposto na pesquisa, os objetivos foram alcançados e as redes tecidas. O movimento negro foi e continua sendo essencial dentro das conquistas alcançadas ao longo dos anos que ocorrem junto às denúncias das desigualdades raciais vividas a muito tempo. E essas são questões que ficaram evidentes ao longo do trabalho. Os dados alarmantes que expõem diferenças no percurso escolar de brancos e negros ainda vigoram fortemente. As cotas raciais abrem caminhos para transformações significativas e um ambiente acadêmico com uma diversidade de corpos, etnias, de gênero e religião tem contribuído significativamente para a sua formação.

Já um mercado de trabalho mais acessível para a população negra segue sendo uma grande barreira, com rejeição e falta de oportunidades. A trajetória de Bruno sinaliza que existe possibilidade de quebra desse ciclo quando se encontra pessoas negras em cargos de chefia. Outro destaque da biografia dele são as oportunidades de apoio presentes na universidade pública, por mais que a universidade ainda seja espaço racializado com uma forte presença dos métodos da branquitude, foi um espaço importante para que ele pudesse seguir em ascensão, porque o fez ter contato às redes.

Já Cassia passa a sua trajetória na escola pública, mas à época e dentro de suas condições, teve sua oportunidade de ingresso em uma universidade particular, onde se percebe que é mais hostil, os desafios são maiores na construção das redes. E agora, quando vem para a Unilab, Cássia tem sua “redenção”, encontra grupos de discussões amplas onde ela está presente, onde pode se apoiar. Estar nesse ambiente demonstra o

quanto que investir na universidade pública é o caminho viável para que possamos ter nossos objetivos atingidos.

A universidade pública é esse espaço que a gente precisa defender. Precisa de aprimoramento das políticas públicas; precisa de fortalecimento das políticas afirmativas, de ingresso e de permanência; precisa do fortalecimento dos projetos de pesquisa e extensão; precisa da construção de uma política antirracista, que apresenta diversidade no corpo discente, docente e administrativo. Precisa ser vista não com uma bolha, mas sim o que ela é: intensa e mediadora da construção de currículos potentes.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Andréia Maria da Cruz Oliveira. **Cor e Ensino Superior: trajetórias e o sucesso escolar de universitários negros na UFMT**. Cuiabá, 2004. (Dissertação de Mestrado).

BERNARDO, Carolina Maria Costa. **Negras raízes questionam a Ciência Ocidental: um estudo sobre a inserção das populações negras, brasileira e guineense, como sujeitos e/ou objetos de pesquisa em território de produção do conhecimento científico**. 2016.

BERGAMO, Alexandre; MICK, Jacques; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho (2012) – Síntese dos principais resultados**. 10th Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba, Brazil. In: Annual Meeting of the SBPJor-Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 2012.

COSTA, Jacqueline da Silva. **Cor e ensino superior: trajetórias e experiências de estudantes cotistas da Universidade do Estado de Mato Grosso–UNEMAT**. Cuiabá, 2006. (Dissertação de Mestrado).

COSTA, Jacqueline da Silva. **Por um futuro negro: um estudo sobre a vida cotidiana de jovens e adultos negros do projeto pré-vestibular gerido pela UNEMAT no município de Cáceres - MT**. São Carlos: RiMa Editora, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo Editorial, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, 1/2002.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. SciELO-EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HASENBALG, Carlos A.; DO VALLE SILVA, Nelson. **Raça e oportunidades educacionais no Brasil**. Cadernos de pesquisa, n. 73, p. 5-12, 1990.

HASENBALG, Carlos A. **Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil**. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, CCBB, 1996.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas-Informação Demográfica e Socioeconômica, v. 41, 2019.

JUNIOR, Luiz Rufino Rodrigues. **Pedagogia das encruzilhadas**. Periferia, v. 10, n. 1, p. 71-88, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Autêntica Editora, 2019.

QUINTILIANO, Marta. **Redes Afro-Indígenaafetivas: uma Autoetnografia sobre Trajetórias, Relações e Tensões entre Cotistas da Pós-Graduação Stricto Sensu e Políticas de Ações Afirmativas na Universidade Federal De Goiás**. 2019. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Movimentos negros, educação e ações afirmativas**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília (UnB).

TEIXEIRA, Moema de Poli. **“Negros na universidade: identidade e trajetórias de ascensão social no Rio de Janeiro”**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

TV Brasil, **Ver TV - Representação do negro na televisão**. Youtube. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=WlxQJBK5vVo&ab\\_channel=tvbrasil](https://www.youtube.com/watch?v=WlxQJBK5vVo&ab_channel=tvbrasil)>. Acesso em: 04 de jan. 2021. 21:24:00

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFROBRASILEIRA. **Estatuto da Unilab**, 2010. Disponível em: [https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/06/Estatuto-Unilab\\_junho.2019.pdf](https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/06/Estatuto-Unilab_junho.2019.pdf). Acesso em: 07 de mai. 2021. 15:54:00

## ANEXOS

### ANEXO 1 - QUESTÕES PRÉVIAS PARA ENTREVISTA

Nome: _____ Data de nascimento: __/__/____ Cidade: _____ UF: _____ Religião que professa: _____ Cor/IBGE: ( ) Branca ( ) Preta ( ) Parda ( ) Amarela ( ) Indígena Situação conjugal: _____ Possui filhos: ( ) Sim ( ) Não Se sim, quantos: ____ Tem irmãos: ( ) Sim ( ) Não Se sim, quantos: ____ Estuda/ou: ( ) Sim ( ) Não
<b>Onde cursou o:</b> <b>1. Ensino Fundamental</b> ( ) Instituição pública ( ) Instituição privada Modalidade: ( ) EJA ( ) Regular Turno: ( ) Matutino ( ) Vespertino ( ) Noturno Teve bolsa: ( ) Sim ( ) Não Se sim: Total ( ) Parcial ( )
<b>2. Ensino Médio</b> ( ) Instituição pública ( ) Instituição privada Modalidade: ( ) EJA ( ) Regular Turno: ( ) Matutino ( ) Vespertino ( ) Noturno Ano de ingresso: _____ Ano de saída: _____ Teve bolsa: ( ) Sim ( ) Não Se sim: Total ( ) Parcial ( )
<b>3. Ensino Superior</b> ( ) Instituição pública ( ) Instituição privada Nome da IES: _____ Curso: _____ Ano de ingresso: _____ Ano de saída: _____ Teve bolsa: ( ) Sim ( ) Não Se sim: Total ( ) Parcial ( )
<b>Sobre ocupação:</b> <b>1. Trabalha atualmente?</b> ( ) Sim ( ) Não Se sim: ( ) Empresa privada ( ) Autônomo ( ) Servidor público <b>2. Trabalhou antes de ingressar na universidade?</b> ( ) Sim ( ) Não Se sim: ( ) Empresa privada ( ) Autônomo ( ) Servidor público <b>3. Trabalhou enquanto cursava a universidade?</b> ( ) Sim ( ) Não Se sim: ( ) Empresa privada ( ) Autônomo ( ) Servidor público
<b>Dados sobre os pais</b> Pai - Profissão _____ Escolaridade: _____ Mãe - Profissão _____ Escolaridade: _____

## ANEXO 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Infância
  1. Qual o momento mais marcante da sua infância?
  2. Alguma cena ou situação que envolve questões de racismo?
  3. Como era o seu desempenho em sala de aula?
  4. Você participou de algum projeto social nessa época? Qual (is)?
  5. (Se sim) Acredita que esse (s) projeto (s) influenciaram na sua escolha profissional de hoje?
  6. Alguma outra atividade extracurricular você realizava no seu bairro/cidade?
  
- Juventude (Fundamental II/Ensino Médio)
  1. Existe uma cena muito presente deste período da juventude?
  2. Alguma cena ou situação que envolve questões de racismo?
  3. Como era o seu desempenho em sala de aula?
  4. Nesta fase, quais projetos ou atividades extracurriculares você participou?
  5. E a escola, era perto ou longe da sua casa? Como você se deslocava até ela?
  6. Teve suporte da escola ou outro agente para preparação pré-ENEM/Vestibular?
  7. Em casa, quem te incentivou a ingressar na Universidade?
  8. Eles indicavam o curso que você deveria fazer ou foi uma escolha integralmente sua?
  9. E por que você escolheu Jornalismo?
  
- Fase Adulta (Ensino Superior)
  1. Precisou sair da sua cidade de origem para cursar Jornalismo?
  2. Recorda de alguma cena ou fala marcante do período de graduação?
  3. Como é ou era a relação com os colegas?
  4. Como é ou era a relação com os professores (as)?
  5. O ingresso na universidade contribuiu para o despertar da sua identidade racial?
  6. Você recebeu auxílio estudantil para se manter durante a graduação?
  7. Participou de projetos e grupos da Universidade?
  8. Foi bolsista remunerado em algum deles?
  9. Realizou estágio? Como foi a sua experiência?
  
- Fase Adulta (Pós- universidade/ Mercado de Trabalho)
  1. Sua primeira oportunidade de emprego foi na área de Comunicação?
  2. Durante seu estágio (e emprego), recrutadores, colegas, chefia, alguém já comentou sobre sua aparência, cabelo, roupas?
  3. Já perdeu alguma vaga e recebeu como resposta que “seu perfil é diferente demais do que estavam procurando”?
  4. Você encontra ou já chegou a ter dificuldade de expor discussões raciais durante uma reunião, diretamente no seu trabalho ou mesmo em conversas informais com colegas de firma?
  5. Percebe que há poucos chamados para realização de atividades culturais, esportivas, mas que os convites aumentam ou são automáticos no Mês da Consciência Negra, para falar de racismo?
  6. Na empresa que você trabalha e/ou nas que já trabalhou, possui (em) grupo (s) de discussão étnico-raciais entre os colaboradores?